

# ALMADA

25 DE ABRIL

# 50 Anos

Dino D'Santiago

“Nem todos têm o mesmo direito à liberdade de expressão”

Teatro Municipal Joaquim Benite

Espreite atrás do pano



## “25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO NUNCA MAIS”

“O povo unido jamais será vencido!”, “O povo é quem mais ordena!”, “É feio, é feio ficar no passeio!”, ou “O voto é a arma do povo!” são alguns dos slogans que marcaram os tempos revolucionários de 1974. Os quinquagenários da minha geração, na altura crianças, relembram certamente com ternura a alegria e a energia com que eram proclamados. Eram a voz da esperança num futuro mais justo e solidário. A voz de um povo que reganhara o orgulho em ser e em se dizer português.

Graças ao movimento dos capitães de Abril, Portugal, em vez do país triste, atrasado e injusto, anacrónico nas suas ambições imperiais e violento na sua intolerância, passou a ser um exemplo para o mundo. Exemplo de uma revolução sem sangue, de uma transição tranquila para a democracia, de um processo de descolonização que, não minimizando a dor dos que se viram forçados ao regresso, não deixa de ser também um extraordinário exemplo de reintegração. Como conseguiu um País tão miserável quanto era Portugal absorver em tão pouco tempo e sem conflitos de maior os cerca de 500 mil a 800 mil colonos que abandonaram a sua residência em África entre 1974 e 1979?

Os anos que se seguiram, como todos os indicadores o demonstram, foram anos de progresso permanente a todos os níveis, com índices de recuperação impressionantemente rápidos quando comparamos com os nossos parceiros europeus. A Democracia deu saúde, educação, emprego, esperança e qualidade de vida, liberdade e direitos. Deu-nos também a responsabilidade de sermos donos do nosso destino coletivo.

Mário Soares, cujo centenário também comemoramos este ano, sem dúvida um dos grandes construtores do nosso sistema democrático, dizia: “Fui um pouco político à força. Fui político porque não podia viver na ditadura. Era uma incompatibilidade física. Não era possível viver num regime como aquele, em que uma pessoa para conseguir alguma coisa era preciso ser subserviente.”

Nestes tempos de celebração importa lembrar a coragem e o sacrifício pessoal (e familiar) dos que resistiram à opressão do Estado Novo, em nada comparável a qualquer circunstância no âmbito democrático. Mas seria ingénuo e até inconsciente considerar que os direitos adquiridos não devem ser permanentemente defendidos, assim como omitir ou minimizar um mal estar crescente nas nossas sociedades ocidentais.

Celebramos os 50 anos da nossa bela e única revolução num momento em que a dúvida e a descrença nos sistemas democráticos, com os seus efeitos mais perversos, se generalizou. A rejeição dos sistemas parlamentares e da democracia representativa tem favorecido, numa grande parte dos países europeus, o acesso ao poder de partidos de direita radical populista.

Efeito perverso de uma globalização que fragilizou uma classe média já perclitante? Angústia perante os efeitos migratórios que parecem incontroláveis? Eco-ansiedade que atinge os mais jovens? Rejeição do politicamente correto ou de um *wokismo* mais militantes?



**INÊS DE MEDEIROS**

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Muitas têm sido as razões apontadas para tentar explicar este florescimento de formações políticas anti-liberais, xenófobas e nacionalistas. Por muito diversas que sejam, todas elas têm um ponto em comum: o futuro deixou de ser um espaço de esperança e progresso. O futuro é encarado como perda em relação ao presente. Da “avaria” do elevador social ao demasiado proclamado fim do Estado Social surgido no pós-guerra, passando pela perspectiva de um colapso ecológico, tudo contribuiu para o triunfo de um niilismo amargurado. As próprias noções de bem e de mal, de verdade e mentira são cada vez mais difusas. O sentido coletivo deu lugar a um hiper individualismo onde cada um tem a sua verdade, alicerçada na atomização das opiniões públicas e num comunitarismo exacerbado pelas redes sociais.

Todo o inverso do que foi o 25 de Abril de 1974.

E talvez por isso nos devemos interrogar sobre o que representam para os jovens de hoje os slogans de Abril? Quando gritamos “Fascismo nunca mais”, que significado tem para um jovem de 20 anos que, felizmente, dos regimes fascistas apenas conhece os ensinamentos da história? Pressente ele os riscos da regressão?

Mais ainda devemos reconhecer o grande desafio destas celebrações: comemorar um 25 de Abril vivo e capaz de reavivar, para todos, a confiança num futuro coletivo.

Albert Camus, nos seus ensaios filosóficos, apesar de cético dos valores absolutos lança sementes da esperança. “A verdade constrói-se, como o amor, como a inteligência. Nada é efetivamente dado nem prometido, mas tudo é possível para quem aceita empreender e arriscar. É esta aposta que devemos manter quando sufocamos sob a mentira, quando estamos face a um muro. É preciso aguentar com tranquilidade, mas irredutivelmente, e as portas se abrirão.”

As portas que Abril abriu, como cantava Ary dos santos e que não deixaremos que se voltem a fechar.  
25 de Abril Sempre!

A Revista Almada convidou Érica Rodrigues, Rodrigo Francisco e Nuno Saraiva para uma conversa sobre liberdade criativa. \_\_\_\_\_ 8

CARLOS VALADAS



### Infografia

Democracia em números \_\_\_\_\_ 5

### Em Arquivo

25 de Abril de 1974 pela lente de Alfredo Cunha \_\_\_\_\_ 6

### 50 Anos 25 de Abril

Reportagem com os resistentes de Almada - Semente de gente acordada \_\_\_\_\_ 14  
Entrevista a Alfredo Cunha \_\_\_\_\_ 20

### Portfólio

Teatro Municipal Joaquim Benite - Por trás do pano \_\_\_\_\_ 24

### Radar

Drogaria Central, uma loja de discos, independente, no centro de Almada \_\_\_\_\_ 32

### Entrevista

Dino D'Santiago \_\_\_\_\_ 36

### Acontece

Resumo da atividade municipal \_\_\_\_\_ 42

# ALMADA

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação

**Diretora:**

Inês de Medeiros

**Diretora-Adjunta:**

Raquel Antunes

**Coordenação:**

Sara Dias

**Consultor Editorial:**

Paulo Tavares

**Editor de Fotografia:**

Luís Filipe Catarino

**Redação:** Ana Paula Cruz, Joana Mendes, Margarida Leal, Paulo Teixeira e Sandra Gomes

**Fotografia:** Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Raquel França e Victor Mendes

**Design:** Pedro Fernandes

**Paginação:** Catarina Lopes, Carlos Lima, Inês Caraça, Jorge Figueira, Rita Sarmento, Susana Tormenta

**Impressão:** Lidergraf - Artes Gráfica, SA

**Tragem:** 115 000 exemplares

**Periodicidade:** Bimestral

**Distribuição:** CTT Contacto

**Depósito Legal:** 520442/23

**ISSN:** 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).

Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

## Contactos úteis:

### Geral

Tel.: 212724 000

### Gabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa - 800 206 770

### E-mail:

almadainforma@cm-almada.pt

### Distribuição Almada Revista:

distribuição.revista@cm-almada.pt

### Site:

cm-almada.pt

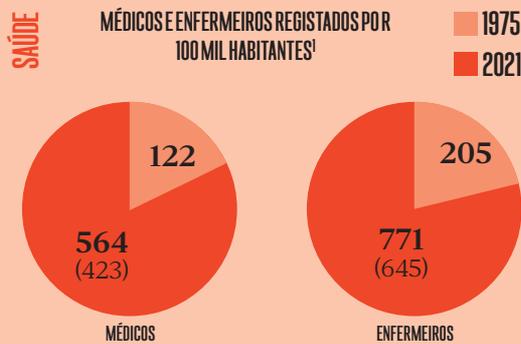
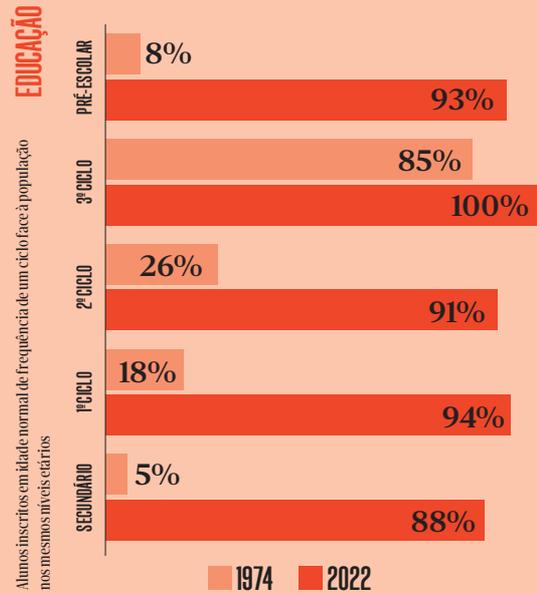
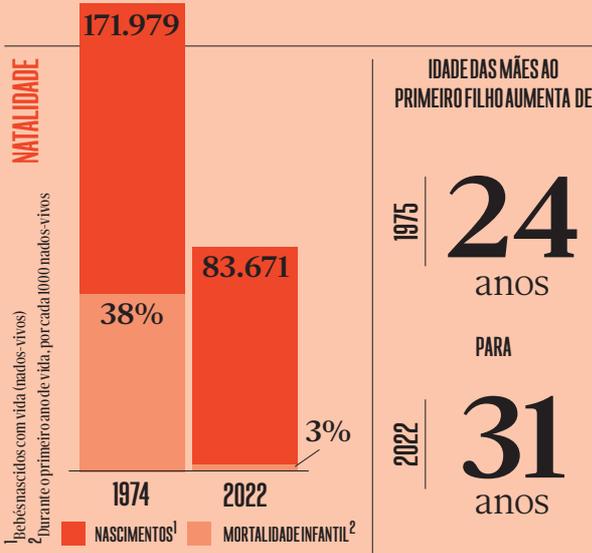
f @ /cmalmada

**CMA** - CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

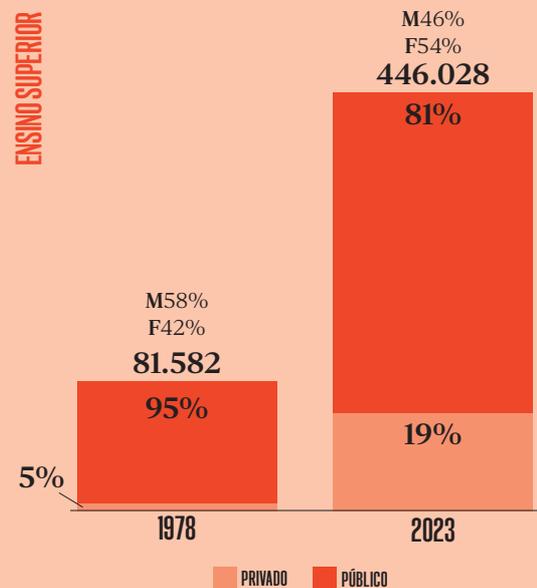
# Democracia em números

Numa página avaliamos, em indicadores e gráficos, o que o país evoluiu desde o 25 de Abril de 1974.

FONTE: DGEEC, INE, DGS-MS/PORDATA, ESTRADAS DE PORTUGAL, IMT, INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL



<sup>1</sup>Inscritos nas respetivas ordens. Entre parêntesis: a trabalhar no país segundo o Censis 2021



EM ARQUIVO

# 25 de Abril de 1974 pela lente de Alfredo Cunha

TEXTO **Sandra Gomes** FOTOGRAFIAS **Alfredo Cunha**

HÁ 50 ANOS Alfredo Cunha captou, através da sua máquina fotográfica, um dos momentos mais marcantes da história de Portugal. Naquela quinta-feira, o jovem fotojornalista, com apenas

20 anos, testemunhou e registou a conquista da Liberdade, depois de quase cinco décadas de ditadura.

É através de 56 fotografias de Alfredo Cunha, entre as quais estão algumas das

mais icónicas imagens da Revolução dos Cravos, que é contada a história vivida, hora a hora, no dia 25 de abril de 1974 e nos meses seguintes, e são recordados os protagonistas e heróis daquele dia em



que a população ocupou a rua, surpresa e comovida, apoiando os jovens soldados e o movimento revolucionário que conduziu à democracia.

As quatro fotos partilhadas nesta edição integram a exposição “25 de Abril de 1974, quinta-feira”, que pode ser visitada de 11 de abril a 28 de setembro, no Museu da Almada – Casa da Cidade. Organizada em três núcleos, esta exposição comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril inclui reproduções de gravuras de Alexandre Farto/Vhils sobre uma fotografia de Salgueiro Maia, e um slide show com música original de Rodrigo Leão, fotografias de Alfredo Cunha e realização e edição de Miguel Brugo Rocha.

**1** – 25 de abril de 1974. Terreiro do Paço entre as 6h45 e as 7h00 - A tiradores da Escola Prática de Cavalaria posicionam-se junto do torreão poente do Terreiro do Paço.

**2** – 25 de abril de 1974. Cais das Colunas entre as 8h00 e as 10h00 - EBR (Equipamento Blindado de Reconhecimento) do Regimento de Cavalaria 7 já do lado dos revoltosos, posicionada diante da fragata Gago Coutinho NPR 373.

**3** – 25 de abril de 1974. Grupo de jornalistas que acompanha a Escola Prática de Cavalaria até ao Largo do Carmo, entre as 12h00 até cerca das 18h30 - Joaquim Benite em primeiro plano (O Século), de costas Rodrigues da Silva (Diário Popular), em cima da esquerda para a direita, Jorge Galamba e Augusto Carvalho (Expresso), J. Corregedor a falar com João Carreira Bom e de frente com um bloco de notas, José João Louro (O Século). Por detrás Freire Antunes (Diário de Lisboa), à esquerda sentada Emília Gameiro (Jornal de Notícias), Margarida Silva Dias (Diário de Lisboa). De pé, à direita, Guilherme Silva (fotógrafo freelance).

**4** – 27 de abril de 1974, pela tarde - Sob os aplausos dos lisboetas a coluna da Escola Prática de Cavalaria de Santarém regressa ao quartel, depois de 62 horas em Lisboa em que se derrubou o regime.

“25 de Abril de 1974, quinta-feira”

Museu de Almada – Casa da Cidade  
Praça João Raimundo –  
Cova da Piedade  
Até 28 setembro de 2024  
De terça a sábado | 10h–13h e 14–18h



# 25 de Abril Sempre

Nos 50 anos do 25 de Abril, a Revista Almada lançou um podcast e desafiou a atriz Érica Rodrigues, o encenador e diretor artístico do Teatro Municipal Joaquim Benite, Rodrigo Francisco, e Nuno Saraiva, autor de banda desenhada e cartunista, a falarem sobre “liberdades”. Uma conversa bem animada, resumida nas próximas páginas.

Nesta edição, comparamos indicadores dos anos 1970 com os atuais, numa infografia que transmite a exata medida do progresso conquistado desde Abril de 1974; damos palco às histórias de quem, em Almada, resistiu à ditadura, e conversamos com Alfredo Cunha, o fotojornalista que captou algumas das mais icónicas imagens da revolução e que, por estes dias, expõe em Almada.





# LIBERDADE CRIATIVA? SIM, MAS...

No ano em que celebramos os 50 anos do 25 de Abril, a Revista Almada convidou, para uma conversa sobre “liberdades”, a atriz Érica Rodrigues, o encenador e diretor artístico do Teatro Municipal Joaquim Benite, Rodrigo Francisco, e Nuno Saraiva, autor de banda desenhada e cartunista.

TEXTO Paulo Tavares / Ana Paula Cruz FOTOGRAFIA Carlos Valadas

Numa manhã de céu claro e ar frio, o palco com história do Salão das Carochas serviu de abrigo a uma hora de conversa sobre liberdades, que andou sobretudo à roda da liberdade para criar Arte, mas que também vagueou pelo comentário aos recentes resultados eleitorais - a gravação aconteceu menos de 48h depois de conhecidos os resultados das legislativas de 10 de março.

Érica Rodrigues e Rodrigo Francisco são filhos da revolução, nascidos já em democracia, e Nuno Saraiva tinha 4 anos quando o 25 de Abril saiu à rua. Três criativos, de diferentes áreas, que concordaram num primeiro ponto - há liberdade criativa no mundo das artes em Portugal.

Dito isto, Rodrigo Francisco lembrou o ciclo de exposições sobre a censura, organizadas em parceria com o Arquivo Ephemera, e o espanto de alguns visitantes. "A partir de um exemplo muito específico, uma peça do autor brasileiro Joracy Camargo, de que o Arquivo Ephemera tinha um exemplar com os cortes da censura, fizemos uma instalação. É uma exposição que mostramos aos alunos que vêm ao teatro e muitos deles ficam surpreendidos. Não sabiam que havia censura, inclusive no teatro. Não sabem o que é um ensaio de censura, que era um ensaio feito antes da peça estrear para ver se podia estrear, ou não."

Nuno Saraiva pegou no tema, concordou com os parceiros de conversa, em como existe total liberdade criativa em Portugal, mas seguiu um caminho paralelo. "Hoje vivemos tempos muito particulares e se calhar isto é um tipo de comportamento da esquerda e não da direita, curiosamente, que é a autocensura. Nós enquanto autores, somos muitas vezes levados a uma determinada autocensura. Vemo-nos no espelho e pensamos consequências. Estamos a magoar quem?"

Érica Rodrigues entra na conversa para lembrar que essa tendência pode ter a ver "com a política de cancelamento" e Nuno Saraiva puxa de um exemplo. "Em tempos fiz umas ilustrações para as Festas de Lisboa, que são tradicionais e populares, mas eu queria colocar ali coisas que fossem um bocadinho acutilantes. Estávamos em 2016 e votava-se uma lei para facilitar a adoção de crianças por casais do mesmo sexo. Resolvi fazer uma ilustração com duas mulheres jovens e que não eram nada o estereótipo da lésbica. Eram duas jovens mulheres que saíam à rua para se divertir, belas, que vestiam fashion, que estavam muito agarradinhas e no meio estava uma criança. A direção da EGEAC estava com muito medo. Será que este desenho não vai ofender a comunidade lésbica ou as feministas, a mulher? Não. O desenho foi um sucesso, funcionou muito bem."

"A política de cancelamento existe, não vamos dizer que não", insistiu Érica Rodrigues, "o que ela pode ou não fazer é que me preocupa. Estamos a viver uma época em que há muita reação, a política de cancelamento prende-se muito com a ideia de reação, e menos de ação". Érica chega ao ponto da questão, à falta de um chão comum que sirva de base à análise e ao debate de ideias. "É um individualismo constante, onde tudo o que é dito é passível de ofender, ao invés de criar uma perspetiva, diferentes contornos onde possamos pensar e criar em conjunto lugares de fala e pensamento."

### Atriz Érica Rodrigues



Do lado do encenador, Rodrigo Francisco garante que a cultura do cancelamento e do politicamente correto não lhe limita os movimentos. “Sei que essa é uma questão que existe muito numa espécie de realidade paralela que são as redes sociais. No meu ponto de vista são uma verdadeira cloaca, sem qualquer utilidade. E, portanto, pura e simplesmente ignoro.”

Ora, a Nuno Saraiva a “cloaca” dá-lhe imenso jeito, “não me tira o sono, mas eu vivo nessa cloaca, de certa forma. Na minha área, eu preciso muito das redes sociais. Infelizmente. E tenho mesmo muito a lamentar que a maior parte dos partidos de esquerda e aquela esquerda mais urbana não tenha observado este fenómeno, que é dos jovens, que estão completamente focados, obcecados pela lógica digital, pelos *youtubes*, pelos *tik tok's*, e é aí que a extrema direita xenófoba e racista vai buscar eleitorado”.

E pronto, a menos de 48 horas de distância da noite eleitoral chegava o inevitável momento da análise política. Continua Nuno. “Neste momento temos um eleitorado jovem impressionante. Depois de despertar do choque, mal vi o resultados das eleições, fui tentar falar com o máximo de pessoas na rua, próximos, tentar compreender o fenómeno, fazendo a minha própria pequena sondagem, e fui-me apercebendo que os filhos daquelas pessoas votaram todos naquele partido que eu me recuso a dizer o nome. É impressionante. E muitos dele filhos do PCP.”

Rodrigo Francisco juntou-se ao painel de comentário. “Passaram 50 anos sobre o 25 de Abril e temos o regresso da extrema direita ao parlamento. Alguma coisa correu mal. A esquerda deixou-se invadir por um discurso identitário que veio substituir o discurso ideológico e as pessoas ficaram zangadas. Quando, por exemplo, vi a Ministra da Cultura do PS, no parlamento a dizer que as touradas não eram uma questão de cultura mas de civilização, imaginei que alguns alentejanos, de algumas aldeias que eu conheço, ficassem zangados, porque nós não gostamos que nos chamem labregos.”

O diretor artístico do TMJB vê por cá sinais idênticos aos que levaram ao crescimento de extremismos de direita noutros países. “Se pensarmos que numa aldeia do Alentejo não há escola, porque não há professores, e os deputados do parlamento estão a discutir se as escolas devem ter ou não ter urinóis, as pessoas ficam zangadas. Se não há médicos e os deputados do parlamento estão a discutir se as pessoas têm direito a praticar eutanásia ou não, as pessoas ficam zangadas. E isto foram coisas que aconteceram noutros países antes de acontecerem em Portugal. Aquilo que eu lamento é que os partidos de



esquerda não tenham percebido a tempo que estava a acontecer.”

Não foi por falta de aviso, mas talvez tenha sido por falta de comunicação, de passar às novas gerações a História e as histórias de Abril. Nuno Saraiva considera que é preciso “saber comunicar não apenas a revolução, mas acima de tudo o que aconteceu antes da revolução. Esta revolução foram duas revoluções. Foi um golpe de Estado militar e depois houve uma revolução espontânea nas ruas. E isso é que foi bonito. Mas, até lá tivemos 48 anos de ditadura. E não houve nenhuma grande tentativa de levantamento popular. Não houve. Temos de contar Abril sem grandes rodeios, friamente e sem excessivas poesias”.

A forma como o país ainda lida mal com os traumas da Guerra Colonial veio à baila. É um tema que “nunca resolvemos”, atira Nuno Saraiva para a mesa, “Nunca o resolvemos. Temos medo”, e Érica dá um passo em frente, “fugimos dele”. Filho de um oficial miliciano que cumpriu uma comissão no norte de Moçambique, Nuno confessa ter “dificuldade em falar neste assunto. Nós somos protagonistas. Enquanto somos protagonistas é-nos muito difícil fazer esse papel”.



**Rodrigo Francisco, encenador e diretor artístico do Teatro Municipal Joaquim Benite**

**Nuno Saraiva, autor de banda desenhada e cartunista**



Rodrigo Francisco sabe bem que “o teatro não pode mudar o mundo” e também não conhece “nenhuma revolução que se tenha iniciado no teatro, mas procuramos fazer a nossa parte no que está para trás”. Quanto à catarse da Guerra, garante que se fez, no TMJB, o possível. “Fiz um espetáculo sobre a Guerra Colonial, mas era um espetáculo que fez uma carreira de um mês numa sala, a que assistiram mil e tal pessoas. Quando me fala porque é que não há ainda um filme sobre a Guerra Colonial, como os americanos fizeram com o Vietnam, eu perguntei isso ao João Botelho e ele disse-me: ‘Oh filho, porque é caro’. Ou seja, o cinema português provavelmente nunca terá meios para produzir um Vietnam português.”

Regressando à liberdade criativa, fomos parar ao tema do acesso à Cultura. Olhando para Almada como uma espécie de oásis de oferta e procura cultural, Rodrigo relembra os tempos de grande atividade cultural e associativa na cidade. “Nos anos 1980, o movimento associativo em Almada era fortíssimo. Não só porque já havia uma tradição que já vinha de trás, mas porque tinha havido o 25 de Abril e havia essa vontade das pessoas se congregarem em torno de associações e grupos desportivos. Neste sítio, no Salão das Carochas, havia dezenas de jovens que se encontravam com velhos e conviviam aqui diariamente. Isso hoje já não existe, foi alterado para outra coisa. Começo a ver que há alguma renovação, porque há gente da minha geração que não pode pagar uma renda em Lisboa e que vem morar para Almada e traz filhos. Portanto, desde há 4 ou 5 anos tenho assistido a isso, mas de facto, nós em relação ao acesso à cultura, fazemos o que podemos.”

Érica defende que a “política cultural deve começar pela educação” e que o “o TMJB faz esse encontro muito bem, que é o caso do serviço educativo. Acho que nunca trabalhei numa estrutura onde se fizesse essa ponte tão bem feita com as escolas”. A atriz considera que o país está a viver um tempo em que a arte pode ser, para a maioria das pessoas, “uma questão menor, um luxo. Não há criação de hábitos de consumo de cultura porque, de repente, temos um Portugal que está carente de outras necessidades e onde se olha para a arte como algo que é de um acesso elitista”.

Ouçã a versão integral deste podcast aqui:



# «ALMADA, SEMENTE DE GENTE ACORDADA»

Roubámos uma estrofe do poema de Orlando Laranjeiro para dar título às próximas três entrevistas, com três pessoas que quiseram fazer Abril. Histórias de resistência e de liberdade, que evocamos nos 50 anos da Revolução.

TEXTO **Margarida Leal**  
FOTOGRAFIA **Raquel França**

---





## VALEU TUDO A PENA

Com 89 anos, **MÁRIO ARAÚJO** conserva uma lucidez invejável. Conta-nos histórias que não cabem nestas páginas, com a emoção à flor da pele, arrepiada uma e outra vez, à medida que revisita episódios da sua meninice, da luta contra o fascismo e do primeiro dia em liberdade.

Repete várias vezes que teve muita sorte, apesar das histórias duras que partilha. Teve sorte em ter crescido no Ginjal, onde o pai era tanoeiro, de ter aprendido a nadar no Tejo, onde «apanhava chocos sem cabeça». Os golfinhos só comiam aquela parte do molusco e deixavam as patas para trás, que os gandaeiros apanhavam e assavam, para ajudar a matar a fome. Vivia na Rua das Salgadeiras, na Cova da Piedade. A mãe às vezes arranjava uma zanga qualquer com os filhos, para os mandar de castigo para a cama sem jantar. Na realidade, «não tinha o que nos dar de comer e eu ouvia-a a chorar», conta.

### DA PRISÃO DA TUBERCULOSE À CADEIA DE PENICHE

Aos 11 calçou pela primeira vez sapatos, para fazer o exame da 4.<sup>a</sup> classe. Não os dele, os do pai, com jornal à frente. «Tive 12 valores e foi uma festa na Fábrica da Cortiça onde a minha mãe e irmãs trabalhavam.» A professora Sabina queria que continuasse os estudos, mas a vida encaminhou-o para o Eugénio das Carroças, onde dançava descalço para fugir aos pingos de ferro em brasa enquanto segurava as peças que homens grandes malhavam na bigorna.

«O Dr. Eduardo Vilarinho [médico] disse sempre que eu não passava dos 16 anos». Tinha tuberculose e a mãe «chegou a ter a mortalha para eu vestir quando morresse». Esteve «cinco anos à janela a ouvir telefonia e a ler». Rompia a prisão quando ia a banhos às escondidas no Caramujo, depois de todos saírem para o trabalho. Não tinha relógio, guiava-se pelo toque das inúmeras fábricas que ali existiam.

Sobreviveu à tuberculose e casou aos 24 anos. «Quando ouvi falar do Curso de Cultura Geral na Biblioteca da Cooperativa Piedense, fiquei entusiasmado e fui.» Conheceu Gomerindo Carvalho, «um homem com ideias avançadas

para o nosso meio, que além da geografia, da história, da gramática, lhe apresentou a filosofia, o materialismo dialético e os livros proibidos. Ainda viaja nas histórias de Steinbeck, de Zola, de Jorge Amado ou de Máximo Gorki com os olhos brilhando. «Sempre quis saber mais».

O professor Gomercindo começou a ser perseguido pela PIDE. «Havia fortes suspeitas de que alguns dirigentes da Cooperativa eram informadores» da polícia política. Mário, que já pinchava muros e já estava ligado ao Partido Comunista Português, foi convidado a reorganizar a célula do Arsenal.

Foi preso a 17 de julho de 1967. Tinha um filho com 6 anos. «Acusaram-me de ser membro do PCP e eu confirmei.» Esteve 12 meses em Caxias e quatro em Peniche. Acordou vezes sem conta com pontapés e murros a meio da noite, foi torturado, mas estas histórias não quer lembrar porque não sabe «como um homem pode fazer estas coisas a outro homem. Que mal lhes tinha eu feito?»

#### **SOBREVIVER AO ISOLAMENTO**

«Não entrei político para a prisão, aprofundei a consciência política» através de «homens que foram emblemas da Revolução». Adelino Pereira da Silva, o homem que colaborou no desenho do trajeto de nove presos depois da sua fuga de Peniche, entre os quais Álvaro Cunhal. Manuel Baridó, ligado à revolução dos vidraceiros da Marinha Grande. «Cada vez que falavam era um livro aberto, era a liberdade, era a vitória sobre o fascismo».

Durante cinco meses e meio, esteve só com uma luz sobre a cabeça dia e noite. «Se a partisse ia para o segredo». Nunca ousou. «Durante as noites, fazia um exercício mental: dava voltas a pé pela Piedade e dizia quem morava aqui, que atleta morava ali, quem era ator, quem era da SFUAP. Era assim que ginasticava o cérebro para não dar em doido.»

**«A prisão fez-me crescer como homem, como cidadão, como amante da liberdade»**



**Mário Araújo, esteve cinco meses em isolamento, só com uma luz sobre a cabeça, ligada dia e noite.**

Teve muita vontade de desatar aos gritos para o levarem dali para fora. «Fui resistindo à tentação. Pensava como é que os polícias me vão ver, “afinal este gajo tinha a mania que era teso e é uma porcaria de homem”.»

«Gritava por dentro, muito», confessa, mas «a prisão fez-me crescer como homem, como cidadão, como amante da liberdade». Valeu tudo a pena. Porque aprendeu uma espécie de código Morse com Sérgio D’Espiney, que usou para comunicar com o escritor Urbano Tavares Rodrigues em isolamento. Porque ensinou alguns presos a ler. Porque sobreviveram e o 25 de Abril chegou. «Eu podia não o ver, mas sabia que o fascismo tinha de acabar».

#### PRIMEIRAS HORAS DE ABRIL EM ALMADA

Às 6 da manhã o irmão de Mário Araújo bateu-lhe à porta para avisar que estava em marcha uma revolução. Não se sabia bem de que lado das Forças Armadas vinha o golpe, mas foi com os camaradas para a rua.

Fez-se a primeira reunião na Escola do Desportivo da Rua das Salgadeiras, Cova da Piedade, da qual saiu um primeiro manifesto escrito. Apelava às pessoas a vir para a rua. À tarde, convocou-se outra reunião na escola do Desportivo das Barrocas, já com alguns militares de Abril. «Estou a arrepiar-me todo, vale a pena sentir isto. Dali viemos para o pavilhão da SFUAP, íamos chamando e as pessoas vinham. A Cova da Piedade estava cheia de gente. Pusemos ali à volta de 1600 pessoas, com altifalantes cá para fora».

Aos 89 anos, Mário Araújo lembra que «custou muito chegar ao 25 de Abril. Não só aos presos, mas às mães, aos pais, aos filhos, aos irmãos, às esposas. Houve quem tivesse dado a liberdade e a própria vida pela liberdade dos outros», lembra, evocando a frase inscrita no Monumento aos Perseguidos, no centro da cidade de Almada.

Mário é diretor das escolas do Desportivo da Cova da Piedade e faz parte da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses.

## UMA MULHER NA CLANDESTINIDADE

**LÍGIA CALAPEZ** tinha 15 anos quando foi presa pela primeira vez, durante a grande vaga de prisões de estudantes. Recebeu pena suspensa de 13 meses mas como houve reincidência, entrou em Caxias a 23 de fevereiro de 1966. Terá sido a primeira menor (a maioridade era aos 21 anos) a receber uma pena maior em Portugal. «Quer dizer que a pena podia prolongar-se. E prolongou-se». Esteve presa mais de três anos.

Era acusada de pertencer ao PCP «o partido que tinha enraizamento nas pessoas que tinham vontade de fazer alguma coisa de concreto na luta contra o fascismo». Sobre viveu ao isolamento escrevendo histórias, mentalmente, porque a caneta e o papel não podiam entrar.





**Lúcia Calapez foi presa aos 15 anos, na grande vaga de prisões de estudantes nos anos 60.**

A imersão social é o que mais valoriza do tempo de prisão. «Aprendi que estamos todos ao mesmo nível», as estudantes, as camponesas, as peixeiras e as corticeiras como a Sofia “Terruta”, de Almada, que nunca conseguiu reencontrar em vida.

Estava grávida da sua primeira filha quando soube que a iriam prender novamente. «Tivemos a oportunidade de fugir para Paris, a salto. O alvo era eu, mas fomos juntos». Chegar «foi fantástico. Pela primeira vez na vida senti que havia ares de liberdade».

Aprendeu francês a ler livros, a folhear jornais, a ver filmes, uma aprendizagem que mais tarde lhe permitiu fazer traduções. «Quis voltar a Portugal porque estava muito empenhada em tentar fazer alguma coisa para acabar com o regime».

Novamente em Portugal, viveu em várias casas, teve vários nomes e chegou a ter de fugir em 24 horas, depois de uma polícia a ter reconhecido num dos poucos passeios que fez com a filha.

## **Lúcia Calapez foi a primeira menor a receber uma pena maior em Portugal.**

Nunca quis ser secundarizada por ser uma mulher na clandestinidade. «Reivindiquei fazer uma publicação com notícias que me faziam chegar». Fazia-a na cozinha, do início ao fim, usando uma técnica semelhante ao stencil. Trabalhou até ao dia 25 de abril de 1974. «Ligámos a rádio em altos berros e já não a quisemos desligar».

Ainda é jornalista, teve 4 filhos e acha que ainda falta fazer o encontro de ordenados entre homens e mulheres, e mudar a mentalidade de que as mulheres têm o trabalho da casa também.

## A OCUPAÇÃO DE UM PALACETE

**EDUARDA GRAMAÇO** tinha 17 anos quando se dá o 25 de Abril. Estudava na Emídio Navarro, que além de um movimento de estudantes muito ativo «tinha um naipe de professores muito interessantes, que nos dava acesso à poesia de Manuel Alegre e às Cantigas de Maio do Zeca Afonso», autores proibidos.

Vivia no Pragal, uma freguesia «muito carente. Não havia esgotos nem saneamento, muita gente não tinha instrução.» Por isso juntou-se às comissões de moradores, aos movimentos de alfabetização, aos grupos de jovens. Todos queriam ajudar. «As próprias pessoas abriram roços para o saneamento, fizeram jardins e espaços de brincadeira para os mais novos.»

«Era tudo muito efervescente» e a jovem Eduarda também. «Queríamos era fazer» e por isso ocuparam

um palacete desabitado na Quinta da Horta, para fazer nascer a Creche Popular do Pragal, o primeiro equipamento público. Ocuparam, pintaram, arranjaram, reaproveitaram, reciclaram e contaram sempre com a ajuda da população, do comércio local e da Câmara Municipal.

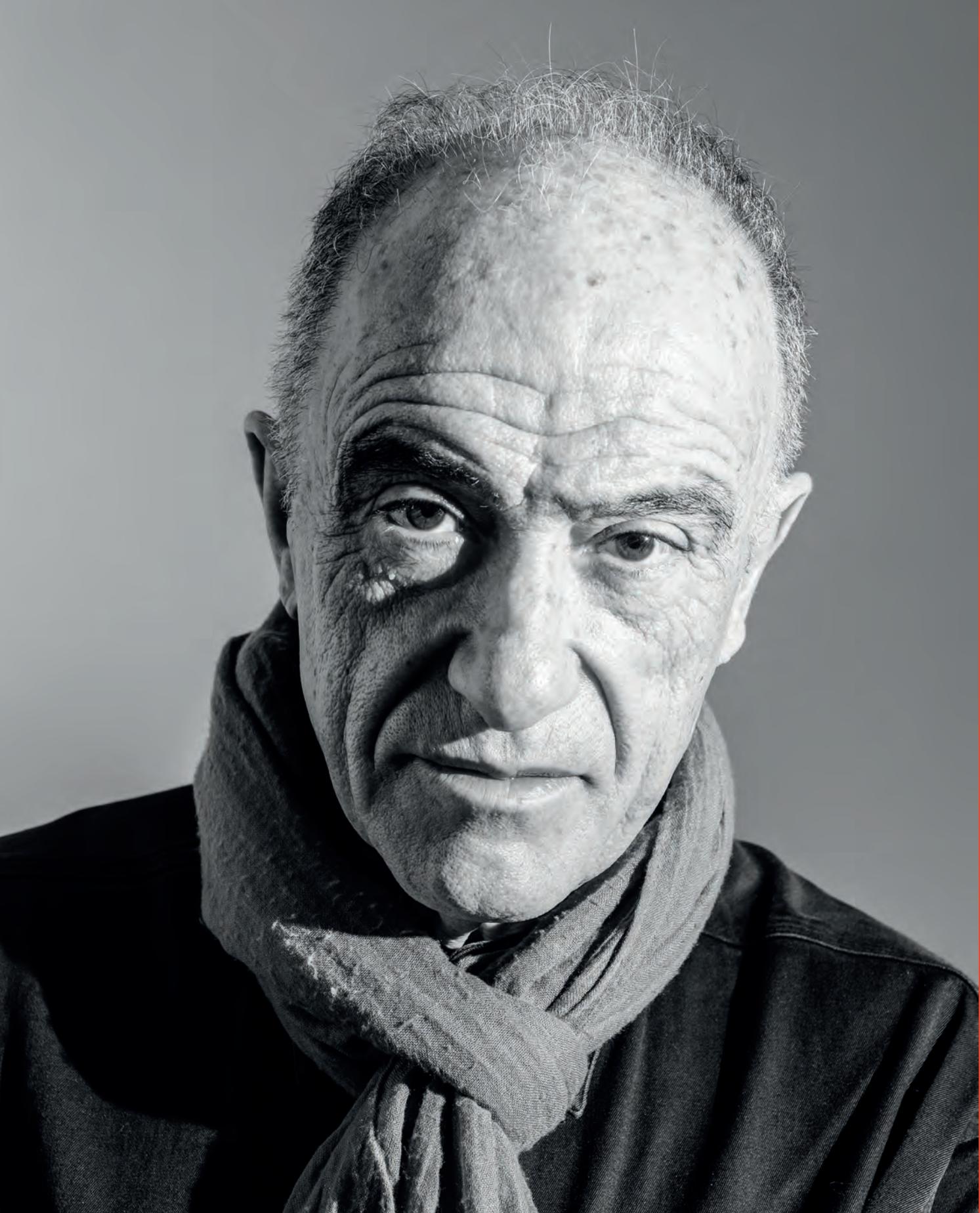
Depois da inspeção da Segurança Social, a Creche abriu em outubro de 1975, com duas salas e um berçário, acolhendo 50 crianças, a esmagadora maioria de agregados muito pobres. Era o caso da cantora Sara Tavares criada pela ama que tratava por avó e que muitas das vezes levou roupa e comida reunidas pela equipa. «Ela marcou-me, porque era uma criança carinhosa e educadinha, apesar da sua vida.»

No recreio da creche que ajudou a construir, Eduarda recorda o espírito de Abril que se perdeu. O doutor Sequeira [pediatra em Almada] vinha nos seus dias de folga dar consultas gratuitas na creche. As costureiras do Pragal juntaram-se e fizeram as colchas e as almofadas. As camas foram dadas pela população e pintadas por nós, todas da mesma cor. «Não tínhamos dinheiro nenhum, mas fazíamos. E esse espírito de reaproveitamento, de sacrifício, de sermos solidários, perdeu-se. Hoje cada um faz o seu trabalho, ganha o seu vencimento e ficamo-nos por aí.»

«As próprias pessoas abriram roços para o saneamento, fizeram jardins»

Eduarda Gramaço fez parte do grupo de pessoas que ocupou um antigo palacete no Pragal para criar a primeira creche pública de Almada.



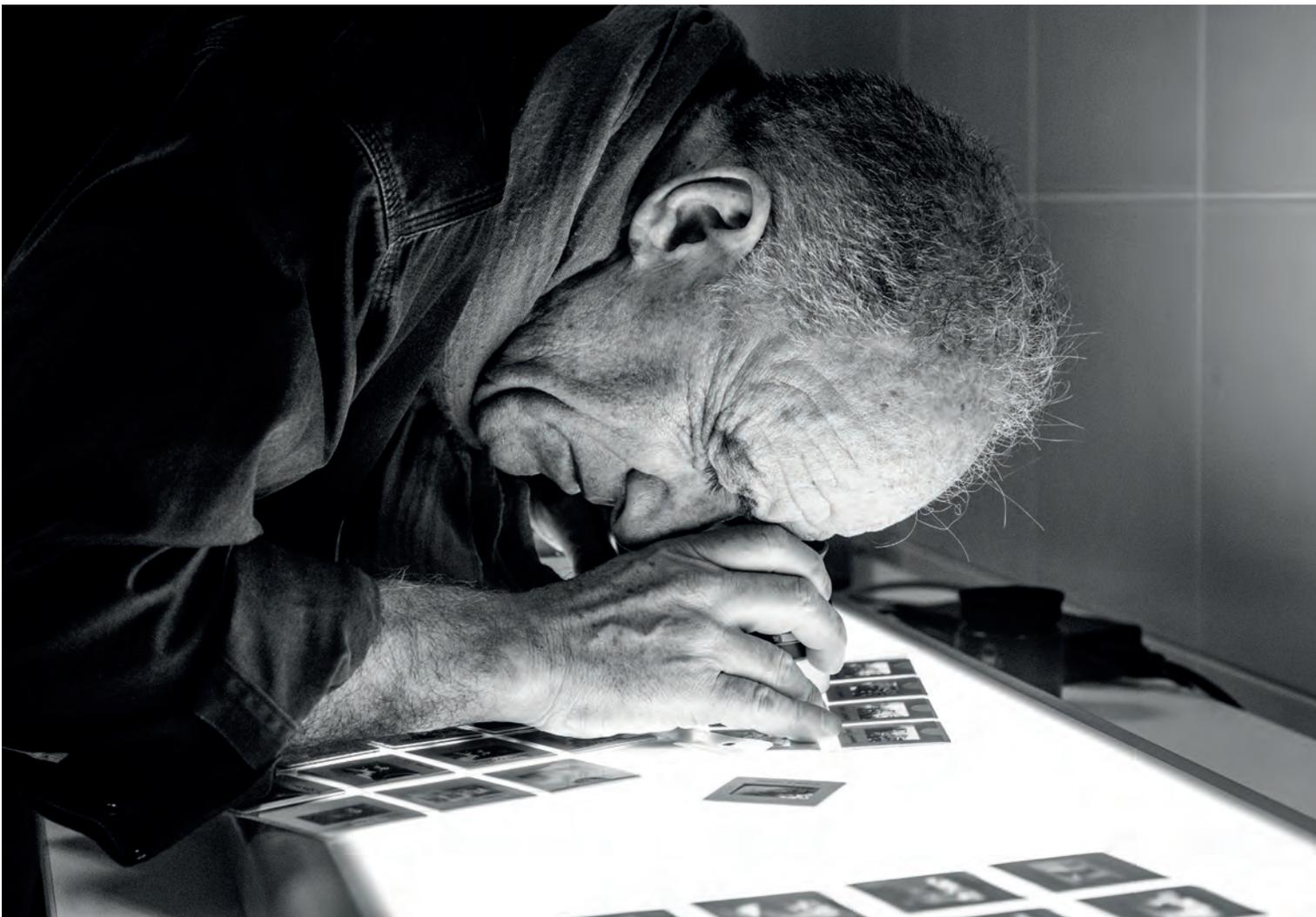


ALFREDO CUNHA

“FOI UM DIA MUITO  
ESPERADO, UM DIA  
QUE ANSIÁVAMOS”

**Entrevista.** Alfredo Cunha, 20 anos em abril de 1974, fotojornalista. A história de uma revolução contada em imagens.

TEXTO **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**



**“Aquilo foi uma coisa super intensa, foi trabalhar, trabalhar. Dormir a sério só depois do 1º de Maio”**

Fotograma a fotograma, em rolos de 36, a preto e branco, sempre a preto e branco, Alfredo Cunha contou como poucos a voragem de liberdade que marcou as primeiras horas e os primeiros dias de um país a renascer.

A exposição e o livro “25 de Abril de 1974, quinta-feira” relatam o antes, o durante e o depois da revolução. “Na gestão das possibilidades infinitas de tirar um número limitado de fotos, são estas as que Alfredo Cunha tirou.” As palavras são de Luís Pedro Nunes, no “prefácio” da exposição. Palavras que descrevem bem o que temos perante o nosso olhar no Museu de Almada - Casa da Cidade. “Percorrendo com o seu olhar

e caminhando com ele pela cidade, não conseguimos perceber que hesitações ou dramas internos terá vivido. As fotos que aqui estão foram exatamente as que tinham de ser tiradas.”

À conversa com a Revista Almada, Alfredo Cunha conta que “este conjunto de imagens pretende situar o 25 de Abril entre o antes e o depois, entre a Guerra Colonial e o PREC (Processo Revolucionário em Curso). O 25 de Abril é consequência da guerra e a democratização ou o PREC são a consequência do 25 de Abril”.

Relembrando aquelas horas sem fim atrás das objetivas, num constante corrúpio entre a rua e a revolução, e a redação onde ia revelar as fotografias, o repórter confessa a intenção desta coleção de momentos feitos imagem. “É apenas criar contextualização do ambiente da época, para se perceber porque é que aquilo aconteceu.”

A memória daquele dia inicial, inteiro e limpo, como escreveu Sophia, permanece clara. “Recordo-me de tudo”, afirma Alfredo Cunha, admitindo que o arranque da exposição encontrou inspiração nas palavras da poetiza. “A primeira fotografia é um grupo de soldados parece que iluminados por uma auréola de luz, tem a ver exatamente com esse poema. Tem muito de verdade. E também foi um dia muito esperado, um dia que ansiávamos.”

Na ânsia da liberdade, passaram-se horas e horas de trabalho, com uma revolução a desfilar ali, nas ruas, frente ao olhar do repórter. “Aquilo foi uma coisa super intensa, não deu para nada... foi trabalhar, trabalhar. Eu só sabia que tinha de fotografar, mais nada. Fui dormindo aqui e ali, sempre que podia, dormia. Mas, dormir a sério só depois do 1º de Maio.”

Do Terreiro do Paço para o Cais do Sodré, daí para o Chiado e depois até ao Largo do Carmo, o repórter foi calcorreando as ruas e acompanhando uma revolução que ia consolidando posições e, metro a metro, tornando a mudança inevitável.

Há uma certeza num olhar de Salgueiro Maia, de olhos fixados na câmara e no homem atrás da objetiva, que é para Alfredo Cunha o momento decisivo. Aquele retrato é, muito provavelmente, a mais icónica imagem da revolução. A 50 anos de distância, aquele olhar conta toda a história daquele dia. Salgueiro Maia, recorda Alfredo Cunha, “está a olhar para mim e com bastante apreensão diz ‘está tudo controlado’. Mas, aquele olhar dizia que não estava nada controlado. Ele transmitiu sempre uma ideia de otimismo e de liderança, que foi decisiva. Aquela fotografia que

lhe fiz no Largo do Carmo, por volta das três da tarde, acho que é um momento de viragem, porque a liderança militar está na mão de um militar experiente. Embora fosse um jovem, era um militar com muitos anos de guerra. Para mim essa é a fotografia decisiva.”

Aquela fotografia, quando “ainda faltavam algumas

**“O 25 de Abril era o dia por que toda a gente esperava. Não foi uma surpresa para ninguém, mas foi um entusiasmo total”**

horas para uma rendição que já era inevitável”, convivia, na sua incerteza, com um povo em festa, convicto da mudança. Passavam já muitas horas desde que Joaquim Furtado, aos microfones do Rádio Clube Português, eram 4h35 da madrugada, tinha lido o primeiro comunicado do MFA. “Aqui, posto de comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa, no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma...”

Apelos ignorados e “ninguém ficou em casa. Não se podia ficar em casa naquele dia”, conta Alfredo Cunha. No Largo do Carmo, “por volta das três da tarde”, no momento daquele olhar incerto mas confiante de Salgueiro Maia, o ambiente era de “entusiasmo total. O 25 de Abril era o dia por que toda a gente esperava. Não foi uma surpresa para ninguém, mas foi um entusiasmo total”.

A exposição chega a Almada acompanhada por um livro que é “uma homenagem ao 25 de Abril, 50 anos depois. É um objeto que celebra os 50 anos do 25 de Abril, essa é a intenção”. O livro, tal como a exposição, é composto por três partes - Da Guerra à Liberdade; 25 de Abril de 1974, quinta-feira, e Depois e Abril / Que Força é Essa - e junta às fotografias de Alfredo Cunha os testemunhos de um dos militares de Abril, Carlos Matos Gomes, do repórter Adelino Gomes e do historiador Fernando Rosas. Numa ponte com o presente, Alexandre Farto/Vhils assina um conjunto de gravuras, com base em imagens de Alfredo Cunha.

A exposição “25 de Abril de 1974, quinta-feira” está no Museu de Almada - Casa da Cidade até 28 de setembro de 2024.

# Por trás do pano

A FOTAJORNALISTA RAQUEL FRANÇA passou semanas nos bastidores do Teatro Municipal Joaquim Benite, espreitou cada recanto e abriu todas as portas. Subiu à teia para trazer imagens do complexo urdimento que sustenta os cenários, vagueou pelo caos organizado do armazém de adereços e pela imensidão do guarda-roupa, onde histórias inteiras se escondem em figurinos sem atores.

TEXTO **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Raquel França**





Diogo Bach, ator, em preparação para um ensaio geral.



Músico da Orquestra de Jazz do Algarve  
em ensaio antes de espetáculo.



Paulo Rêgo, dramaturgista da peça "O futuro já era" (esquerda)  
à conversa com o rapper Chullage (direita).

## PORTFÓLIO



Da esquerda para a direita: atrizes Cecília Borges e Diana Linguíça, e a cenógrafa Céline Demars.



Preparação para ensaio geral.

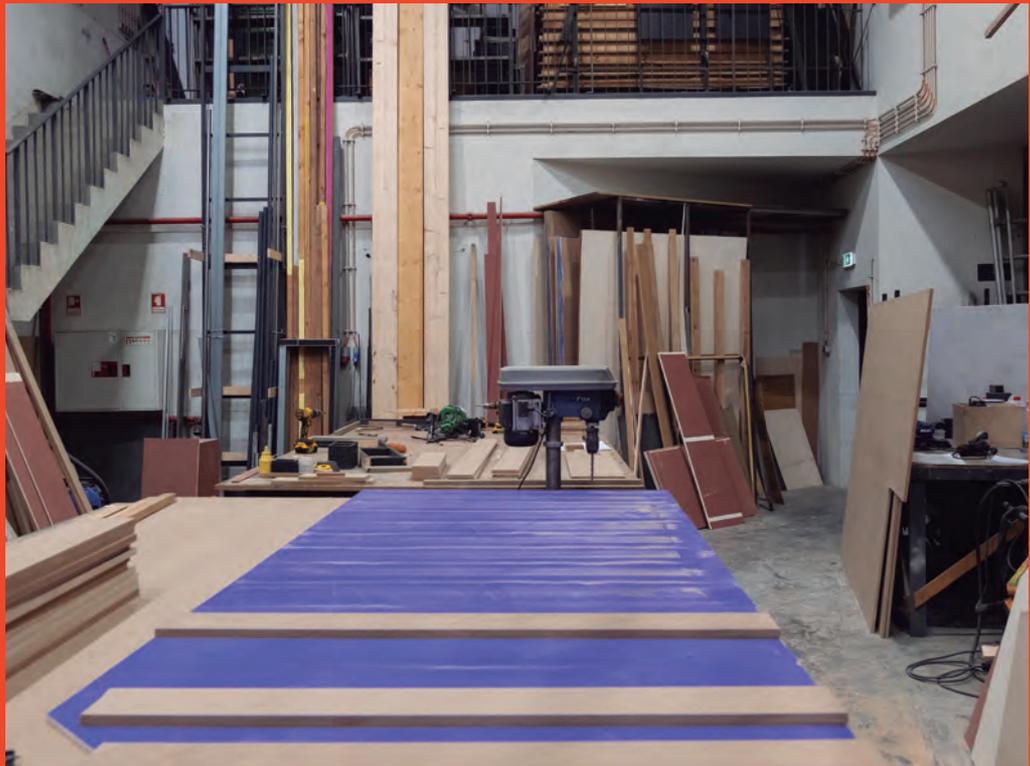
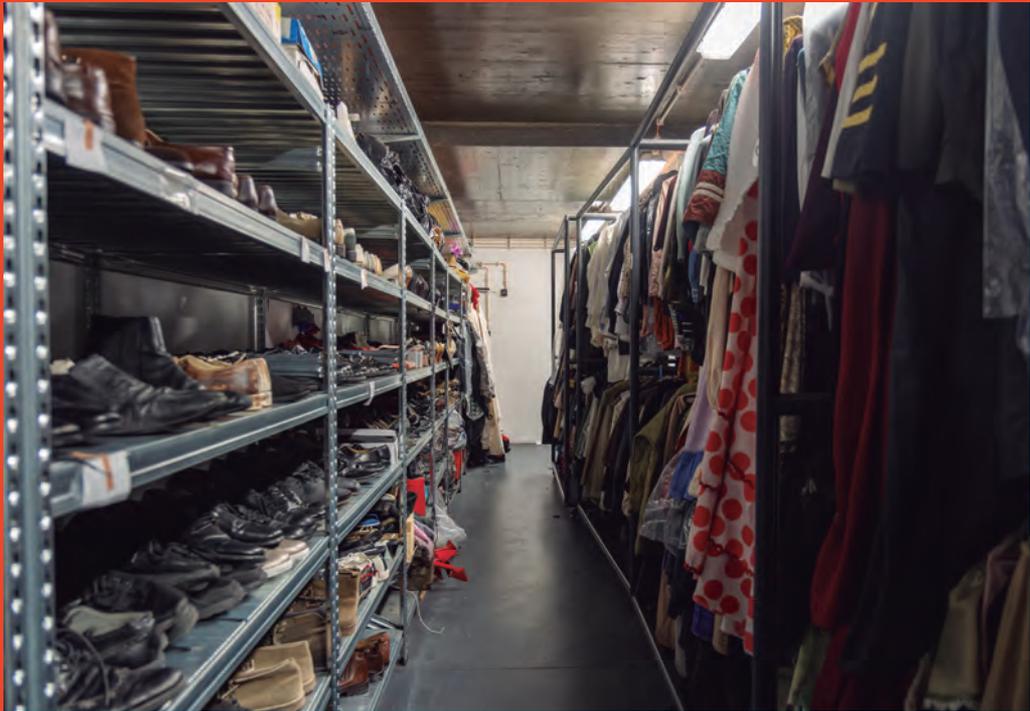
## PORTFÓLIO



Adereços e acessórios preparados e identificados para o ensaio geral da peça “O futuro já era”.



Gavetas com materiais e peças, na carpintaria.



Em cima: uma das salas do guarda roupa.  
Em baixo: carpintaria.



# DROGARIA CENTRAL

Na rua onde noutros tempos fervilhava o comércio, na drogaria onde tudo se vendia avulso, o vinil reencontrou a modernidade. Inspirada pela melodia do tempo, a Drogaria Central Loja de Discos empresta cultura ao coração da cidade.

TEXTO DE **Ana Paula Cruz** FOTOGRAFIA **Carlos Valadas**



O bichinho de abrir uma loja de discos que fosse um ponto físico da editora sempre existiu, até que um dia “bateu certo”. Cristina Morais e Sérgio Milhano, fundadores da PontoZurca – Estúdio de Gravação, Produtora e Editora Discográfica encontraram o espaço da antiga Drogaria Central em mau estado e deu-se o clique de que precisavam. “Já temos uma razão para abrir a loja, não se pode mandar abaixo uma loja destas”. Deu-se o negócio e iniciou-se o projeto de salvação daquele pedaço da história da cidade, da qual se manteve desde logo o nome. “Estivemos quase um ano em remodelações, a recuperar a porta e a garantir que ficava alguma coisa como era antigamente”, conta Sérgio. “E também a tentar criar um *stock* e construir uma abertura com razoável apresentação”, acrescenta Cristina.

Nasceu assim, há seis anos, uma loja de discos independente, em Almada, que se tornou muito mais do que um ponto de venda da editora de Cristina e Sérgio, já com 15 anos de existência. Tanto na loja, como no estúdio e na editora, o projeto faz-se a dois. Sérgio é nascido e criado no quarteirão onde fica a loja e cresceu na rua do estúdio. Cristina é da zona do Porto, mas desde o ensino preparatório que veio para estas bandas.

**“HÁ UMA VONTADE DE CONTRIBUIR  
E DE DESENVOLVER A CIDADE  
ONDE VIVEMOS”**

“Antes de instalarmos a PontoZurca e, entretanto, a Drogaria Central, pensámos em desenvolver estes pro-

jetos noutros sítios, mas há uma vontade de contribuir e de desenvolver a cidade onde vivemos”, refere Cristina. “É uma cidade com um potencial enorme, que não tinha este tipo de coisas. Em Almada não havia uma loja independente de discos. Podemos considerar as grandes superfícies que também vendem discos, mas não são lojas de especialidade. São lojas muito grandes, muito dispersas e que não têm a preocupação que tem uma loja independente. Estúdios com a dimensão do nosso também não havia”, lembra Sérgio, referindo que, por outro lado pesava também a incontornável “relação de Almada com a música e com as artes”.

Para o almadense, produtor musical e técnico de mistura há mais de 25 anos, tornou-se um lugar comum afirmar que essa relação se está a perder nos últimos anos. “As coisas só se perdem se nós não lutarmos por elas. Se não criarmos atividades e tentarmos fazer aqui, mesmo sabendo que é mais difícil. Não havendo oferta, também não pode haver procura”. Cristina corrobora esta tese afirmando que “desenvolveres na tua comunidade, na tua cidade, contribui para que exista um circuito e cria-se beleza”. E é fácil? “Dá muito trabalho mas, no limite, dá-nos um gozo enorme”, diz Sérgio. Exemplo disso é a parceria que desenvolvem há 10 anos com a Casa da Cerca, na iniciativa “Há Música na Casa da Cerca”.

Com um catálogo criterioso, mas bem variado, a Drogaria Central – Loja de Discos tem nas prateleiras discos novos e usados, em cd e vinil, alguns da coleção particular de Sérgio e Cristina, e aposta em editoras indepen-

RADAR



dentos e distribuidores internacionais em géneros musicais tão variados como o jazz, a música experimental, o pop rock, o hip hop, a música do mundo, o punk, a música eletrónica ou a música clássica. “Trazemos discos que achamos essenciais, dentro do que conhecemos e vamos conhecendo. Temos representadas algumas editoras independentes, como a Jacc Records, a Roda Music ou a almadense Mano Mano, do TNT. Acolhemos também discos de artistas locais e não só”, conta Cristina. Há ainda espaço para livros, *audiobooks*, peças de ilustradores, pintores e designers, e vestuário.

“As cidades precisam de ter sítios agradáveis. Precisam de ter livrarias, restaurantes. É bom até haver uma vida cultural, mais que só económica e comercial. As pessoas poderem sair e saberem que as lojas estão abertas às sextas e sábados à noite”. Um espaço confortável, onde apetece estar e demorar, porque o artigo requer algum tempo a ser consultado e o atendimento é personalizado.

**“É COMUM ADORAREM ALMADA”**

Faz 15 anos que abriram o estúdio em Almada e o início foi bastante desafiante. “As pessoas iam gravar a Sintra, porque achavam que a margem sul era muito longe. Hoje sentimos menos essa questão”, refere Sérgio. O facto de trabalhar com muito som ao vivo, com artistas da música, teatro e dança, acabou por facilitar o processo de entrada no circuito. “Nunca tinha estado no papel de editora ou de dono de estúdio, mas o tempo foi generoso e quando demos por isso, já estávamos a fazer coisas com um peso muito grande e com artistas internacionais”.

Nos últimos anos contam já com uma quantidade “engraçada” de projetos que vêm de fora, para cá gravar um disco durante 10 ou 12 dias. “Estou-me a lembrar de um trio, do circuito do jazz, que veio de Londres já por duas vezes, por exemplo”, conta Sérgio. “Sim, e é comum adorarem Almada, a comida, a calma, a proximidade ao rio”, acrescenta Cristina enquanto agradece a visita a mais uma cliente já conhecida, que esteve durante a entrevista a dedicar o seu vagar aos discos que preenchem as prateleiras da carismática drogaria. “Tchau tchau, obrigada pela visita”.

Aline Frazão, Janita Salomé, Mayra Andrade são alguns dos artistas que gravaram com a PontoZurca, que além de nomes consagrados conta também com artistas emergentes. O último disco de Gisela João foi gravado no estúdio e Ana Moura também foi presença



no estúdio durante seis anos. “Gravou aqui parte das vozes do Desfado”, refere Sérgio. Entre os nomes internacionais destaque para o australiano Ziggy Alberts ou Will Samson, um músico inglês que reside em Almada há alguns anos. O histórico produtor almadense, João Martins, é também assíduo no estúdio, desenvolvendo uma residência técnica constante com nomes como Xutos e Pontapés, Ala dos Namorados, UHF, Carlão ou João Pedro Pais.

**Drogaria Central**

Rua Capitão Leitão 14B

@drogariacentrallojadediscos

Horário: 4.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup> feiras, das 14h às 20h; 6.<sup>as</sup> feiras

e sábados, das 14h às 22h; Domingos, das 14h às 22h

A man with a beard and short hair is sitting on a wooden bench. He is wearing a dark jacket, dark trousers, and black shoes with checkered socks. His hands are clasped in front of him. The background is a large, textured stone wall with a large hole on the left side. The ground is paved with cobblestones.

DINO D'SANTIAGO

O DESEJO DE  
CONSTRUIR UM  
„MUNDU NÔBU“

**Entrevista.** Nascido no Algarve em 1982, filho de pais cabo-verdianos, o percurso musical começou a florescer em terrenos vastos e diversos. Em 2003, captou os holofotes na competição de talentos da RTP, “Operação Triunfo”, desencadeando uma trajetória que transcende fronteiras e géneros musicais.

TEXTO **Paulo Teixeira** FOTOGRAFIA **Raquel França**

---

Nas celebrações dos 50 anos do 25 de Abril, Almada vai ser palco de um concerto certamente memorável deste artista com uma carreira tão rica e diversificada. Dino D’Santiago continua a inspirar e a desafiar os limites da música, elevando as suas raízes culturais e encantando audiências em todo o mundo. Mais do que uma história de sucesso, o seu caminho tem-se revelado uma celebração da paz, igualdade, diversidade, paixão e resiliência que definem a alma da música cabo-verdiana e da música lusófona como um todo.

**Revista Almada (RA) – Em 1974, a música veiculava ideais e foi sirene da revolução. Consideras que a música contemporânea ainda tem a mesma força e pode assumir o mesmo papel na sociedade portuguesa atual?**

**Dino D’Santiago (DS)** - A História já nos provou que a vida é feita de ciclos. De tempo a tempo, tudo muda na política, na sociedade, na cultura e depois volta a repetir-se. Agora é a nossa vez de ser a voz da mudança. Estamos a ser desafiados política, social e economicamente a sermos o melhor de nós. Não é tempo de aceitar a passividade, ouvir e obedecer. É tempo de construção de moral e ideais, edificação da integridade humana, vermo-nos a todos como uma família e acho que a cultura tem aqui um papel preponderante.

Em todas as fases da História vimos sempre a cultura trazer as realidades que se viviam noutros tempos. Hoje somos nós a ser chamados para cumprir uma nova jornada. Não é o fim de nada, mas talvez vamos conseguir perceber melhor estes 50 anos que nos foram oferecidos por aqueles que em 1974 lutaram pela liberdade.

Ainda hoje continuamos a ouvir e fazer ecoar as canções dos que há 50 anos deram vida a uma causa, mas não podemos limitarmo-nos a repetir a mensagem. É o nosso tempo de honrar essa causa, mas criar uma nova narrativa porque já passaram 50 anos e os tempos são outros.

**(RA) – E que narrativa pode criar um ponto de encontro com os tempos que vivemos?**

**(DS)** - Há pessoas a trilhar esse caminho. Por exemplo, um músico aqui da margem sul, o Chullage, tem um novo álbum sublime, que fala sobre isso, sobre a herança, sobre o lugar de desconstrução que precisamos de ter para entendermos aquilo que foi o colonialismo, a barbaridade que aconteceu no passado e que nos foi tão romantizado na escola. Já os heróis de Abril falavam sobre a importância dos países africanos na própria libertação de Portugal de um regime de ditadura.

Ao olharmos para a realidade atual do nosso país não podemos dizer que estamos a voltar ao mesmo lugar. É outro tempo. A consciência das pessoas é outra. Em 1974 tínhamos oitenta por cento de pessoas sem literacia e agora temos muito mais gente formada. Assim, temos uma obrigação muito maior para não nos deixarmos corromper por algo que não seja benéfico para todos os seres humanos. E não podemos pensar só no nosso quintal. Se uma criança está a sofrer no Congo, em Gaza ou na Venezuela nós somos responsáveis por ecoar a sua dor.

**(RA) – Qual é o papel que a tua música assume no contexto atual e que consciências ou valores pretende despertar?**

**(DS)** - Sou muito autobiográfico no que faço. Assumo o lugar de observador sobre o mundo que me rodeia e as minhas canções são o reflexo daquilo que vejo. O quotidiano oferece-me a mensagem, que capturo e coloco nas canções, como se fosse um repórter fotográfico.

O meu álbum “Kriola”, editado durante a pandemia, viveu muito da energia em torno da morte de Giovanni, o estudante que foi assassinado em Bragança por crime racial, e da morte do Bruno Candé. Enquanto o mundo ainda chorava a morte de George Floyd, o Candé foi assassinado a tiro, em praça pública, durante o dia, por ódio racial declarado, sem arrependimento por parte

do senhor Evaristo. Fiz questão de retratar tudo isto no disco e dedicá-lo a estas pessoas porque quero que a minha música não seja apenas um sucesso pop momentâneo, mas que reflita o contexto em que estou a viver. Não escrevo canções que só tragam crítica sem soluções. Gosto muito de refletir a empatia e o amor que devemos ter uns pelos outros para que consigamos perceber que sozinhos não somos ninguém.

Até numa carreira artística, se não tivermos quem trabalhe connosco e invista no nosso sonho ao mesmo tempo, é muito difícil. Então, fiz questão de me rodear de pessoas que entendiam o meu propósito.

Gosto de ser agregador e uma ponte entre mundos, e percebi que podia ser essa ponte entre o crioulo e a língua portuguesa, desmistificando a distância aparente entre as duas línguas, até porque setenta por cento da base léxica do crioulo deriva do português.

O crioulo ajudou-me ainda a refletir de outra forma e ultrapassar dogmas criados pela religião católica tradicional, que se foca mais na dor e no temor a Deus do que no amor que devemos espalhar. Se Deus existe ele deve simbolizar o amor, porque o temor controla. A minha música acabou por me libertar nesse sentido e o diálogo entre as minhas raízes e a terra que me viu nascer acabou por fazer de mim um ser humano muito mais completo.

Procuro também dar alguma elevação às minhas canções, porque sei que as crianças vão cantar e os adultos vão querer reproduzir e quero que eles reproduzam o bem.

**(RA) – Consideras-te um músico de intervenção dos tempos modernos?**

**(DS)** - Isso só as pessoas podem dizer. A minha música é uma terapia e preciso de libertar as canções para me curar.

No “Kriola” escrevi uma canção, intitulada “Morna”, dedicada àqueles refugiados que morriam no Mediterrâneo ao tentarem entrar na Europa e à nossa passividade e falta de compaixão para com aquelas pessoas. Sinto que a guerra na Ucrânia já teve outra abordagem diferente, apesar de o propósito ser o mesmo.

Nas minhas músicas quero humanizar e dar dignidade, mostrando que os não-europeus ou não-ocidentais também são pessoas. Toca-me literalmente na pele. E é triste perceber que há essa distinção de classes humanas.

**(RA) – Para um músico, filho de Abril, qual o valor da liberdade de expressão?**

**(DS)** - Uau! Estou arrepiado, porque essa questão podia ter-me custado a vida.

Fui eleito pelo jornal Expresso como uma das 50 figuras que prometem marcar as próximas décadas, por acreditarem que as minhas músicas podem ter um poder de transformação. No seguimento desta nomeação, lancei um desafio a este meio de comunicação que nasce no final de uma ditadura e teve a coragem de refletir aqueles tempos: E se repensássemos a mensagem do nosso hino? Será que aquelas palavras simbolizam o nosso tempo? Não deveríamos refletir se faz sentido falar de canhões e armas numa altura em que só queremos paz? No mesmo dia, o mesmo jornal escreveu “Dino D’Santiago quer mudar o Hino”. A repercussão que isso teve em relação a violência, racismo e ameaças, foi tão feio e triste que senti naquele momento que nem todos têm o mesmo direito à liberdade de expressão. Fiquei doente com tudo o que li, todo aquele ódio, ignorância e mentes pequenas. Na semana seguinte, o Miguel Esteves Cardoso, numa crónica do Público, não só me deu razão como ainda usou palavras mais duras. A minha intenção foi sempre o apelo à paz e as palavras do hino têm força. Mas esta é apenas a minha opinião.

Se já mudámos tantas vezes de bandeira, porque não, pelo menos, refletir? Há um apego àquelas palavras sem entendermos o real contexto.

**(RA) – Sentes que ainda há muitas vozes para contrariar?**

**(DS)** - Mais do que contrariar vozes, há necessidade de melhor construção da própria opinião. De que vale contrariar se não se acrescenta nada ou não se apresentam soluções? Importante é pensar em algo que vá mesmo fazer a diferença num todo. No meu caso, após aquele caso (polémica com o hino) que me afetou seriamente, pensei como podia realmente fazer a diferença e criei a associação Mundu Nôbu. Esta ONG (Organização Não Governamental) vai especializar-se na formação de 160 adolescentes, dos 15 aos 22 anos. Numa primeira fase vai acolher miúdos que venham de bairros periféricos da Grande Lisboa, que vão aprender literacia financeira, cidadania, entre outras áreas, e ter à disposição psicólogos e monitores. Eu e a Liliana Valpaços adotámos este modelo proveniente de uma ONG chamada The Brotherhood Sister Sol que trabalham com miúdos latinos e afrodescendentes onde fomentam a equidade. E é isto que queremos com a

A man with a beard and short hair, wearing a dark jacket and pants, is walking towards the camera on a paved surface. Behind him is a wall covered in graffiti, featuring large white abstract shapes and patterns on a dark background. The lighting is bright, casting shadows on the ground.

“O diálogo entre as minhas raízes  
e a terra que me viu nascer acabou  
por fazer de mim um ser humano  
muito mais completo”

nossa associação, prepará-los para que eles possam competir ao mesmo nível. Num mundo onde vives da meritocracia, no fundo, é dar bagagem e esperança a estes miúdos, que vêm de contextos muito vulneráveis, para que aos 22 anos estejam preparados para competir com o currículo de qualquer outra criança mais privilegiada.

Gosto também de apoiar outros projetos, mesmo a nível musical. O mais importante que fiz até hoje foi a gravação de um álbum com os reclusos do Estabelecimento Prisional do Linhó, que vai ser editado neste mês de abril. Aqui, cada recluso partilha a sua experiência como se estivessem num exercício de terapia, mostrando o seu caminho, as suas vulnerabilidades, os motivos que os fizeram fazer parte daquele grupo. Procuramos também perceber o facto de mais de oitenta por cento daquela gente ser africana. Será que o crime tem uma cor ou será o contexto que proporciona esse facto? Para mim, todos os contextos que não defendem a dignidade humana são impulsionadores de criminalidade e ainda vemos tantas pessoas sem os seus direitos básicos constitucionais.

Bem, mas isto tudo para dizer que, tudo o que estiver ao meu alcance para contribuir, eu faço antes de reclamar. Há tanta coisa que podemos fazer e não temos noção.

**(RA) – Que novidades preparaste para o espetáculo em Almada, na noite em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril?**

**(DS)** - A melhor novidade é a felicidade que senti por ele estar confirmado e ser em Almada. Há tanto que gostava de devolver a esta terra. Fui acarinhado e encaminhado no mundo da música graças a uma pessoa de cá que é o Vírgul. Tenho muito a agradecer ainda à sua família que me deu abrigo durante dois anos, fazendo questão que não pagasse nada. Foi-me buscar a casa dos meus pais garantindo que não me faltaria nada e levou-me em tour com os Da Weasel. Tive a oportunidade de ver a grandiosidade e a responsabilidade de ter uma multidão a ver-nos e ouvir-nos. Assim fazia todo o sentido que o Vírgul fosse meu convidado dessa noite. Outros convidados especiais, por todos os motivos de que já falámos, são as Batukadeiras Madame X, Tristany e a Orquestra Geração.





“Nem todos têm o mesmo direito à liberdade de expressão”

# Acontece

PROTEÇÃO CIVIL

## Almada apresenta estudo de risco sísmico

FLORBELA SALGUEIRO



Almada assinalou o Dia Internacional da Proteção Civil - 1 de março - com a apresentação do Estudo de Risco Sísmico – Almada Resiliente, desenvolvido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil em colaboração com a CMA. A iniciativa, que decorreu no Fórum Municipal Romeu Correia, contou com a presença da Secretária de Estado da Proteção Civil, Patrícia Gaspar.

Enquadrado numa estratégia de prevenção do Serviço Municipal de Proteção Civil, o Estudo de Risco Sísmico do concelho reúne conhecimento científico que vai alicerçar a preparação de planos e ações de socorro e emergência, apoiar a tomada de decisão e a priorização de eventuais intervenções e programas de reabilitação e reforço sísmico, bem como aumentar a preparação e a capacidade de resposta da população.

Fazem parte do estudo a caracterização da perigosidade sísmica, através do estabelecimento de cenários a considerar no planeamento de emergência, a identificação das zonas mais vulneráveis, as estimativas de danos nos edifícios, avaliando as infraestruturas vitais – bombeiros, hospitais e centros de saúde, escolas e acessos –, o conhecimento da perceção social do risco e das atitudes em relação à proteção sísmica.

Foi ainda desenvolvido um modelo de comunicação do risco, promovendo o conhecimento direcionado para a comunidade escolar, com a participação da Escola Secundária do Monte de Caparica, que se pretende replicar em todas as escolas do concelho.

FLORBELA SALGUEIRO





ESPAÇOS VERDES

# Novas árvores plantadas na Costa da Caparica

Jacarandás, freixos, magnólias, tílias e plátanos são algumas das espécies que estão a ser plantadas, desde fevereiro, em vários espaços da Costa da Caparica. Além de substituírem algumas árvores de grande porte, que foi necessário remover, para garantir a segurança de pessoas, animais e bens, devido a problemas estruturais e risco de queda, as novas espécies – mais do dobro das que existiam antes – vão contribuir para o aumento da biodiversidade local e criação de zonas de sombra.

**MOBILIDADE**

## Rede de postos de carregamento de veículos elétricos vai ser ampliada

Almada continua a apostar na promoção da mobilidade elétrica e está prestes a avançar a expansão da rede de Postos de Carregamento de Veículos Elétricos (PCVE). A proposta municipal, já aprovada, visa dotar o concelho de uma rede mais abrangente, consolidada e eficiente.

Ao todo, vão ser instalados 82 novos PCVE, distribuídos estrategicamente pelas

diversas freguesias, de forma a colmatar lacunas na distribuição geográfica e reforçar as zonas já abrangidas. Esta iniciativa integra a estratégia de promoção do desenvolvimento sustentável do concelho, tornando-o um exemplo de mobilidade elétrica.

CARLOS VALADAS



**SAÚDE**

## Alunas recebem kits de higiene feminina

A Câmara Municipal de Almada está a distribuir kits de higiene menstrual, com produtos reutilizáveis, pelas escolas do concelho. Os primeiros foram entregues no dia 21 de fevereiro, na Escola Básica da Costa da Caparica, mas o objetivo é fazer chegar estes materiais a 900 estudantes do concelho, do 7.º ao 12.º ano, promovendo também sessões de esclarecimento sobre como usar os



copos menstruais e os pensos reutilizáveis.

“Atacar o problema da pobreza menstrual – quando uma mulher não tem capacidade para adquirir produtos de higiene feminina – e fazê-lo de uma

forma ambientalmente consciente” são os dois principais objetivos desta medida, como esclareceu o vereador Filipe Pacheco, com o pelouro da Juventude. Esta iniciativa tem por base uma proposta aprovada no Conselho Municipal da Juventude de Almada.

**SAÚDE**

**Almada lança Estratégia Municipal de Saúde**

Já está a ser implementada a Estratégia Municipal de Saúde para 2024/2030. Este instrumento de planeamento estratégico, elaborado com a participação de munícipes e técnicos, contempla as linhas gerais de ação e respetivas metas, indicadores, atividades, recursos e calendário de atuação na área da Saúde. Teodolinda Silveira, vereadora com o pelouro da Saúde, destacou a importância do

envolvimento de todas as entidades na elaboração desta estratégia, num “processo amplamente participado, onde todos foram ouvidos e as suas opiniões refletidas no documento final”. O Jogo Desafios Saudáveis é a primeira iniciativa da Estratégia Municipal de Saúde de Almada. Mais de 35 entidades locais já aderiram ao projeto, lançado no dia 8 de fevereiro e que tem como objetivo promover estilos de vida saudáveis em contexto organizacional e empresarial. A presidente da CMA, Inês de Medeiros, sublinhou a importância estratégica e simbólica do lançamento desta iniciativa focada no ambiente laboral. Em junho vão ser divulgados os primeiros resultados do projeto, incluindo registos fotográficos, fichas de avaliação, número de trabalhadores envolvidos, período de implementação do jogo e outros indicadores.

VICTORMENDES



**CULTURA**

**“50 Anos de Cidade” – O Arquivo Sai à Rua**

Integrando as comemorações dos 50 anos da elevação de Almada a cidade, o Arquivo Histórico saiu à rua e apresenta, desde o início de março, reproduções, em grande escala, de dois documentos fundamentais da história municipal: o Foral Manuelino (1513) e o Livro de Posturas Municipais (1750-1788) – que reunia os regulamentos municipais. Estes “pedaços” da memória local podem ser vistos nas fachadas do Fórum Municipal Romeu Correia e da Biblioteca Municipal José Saramago, no Feijó.

VICTORMENDES



REQUALIFICAÇÃO URBANA

# Programa “O Meu Bairro” envolve comunidade



Promover a requalificação do espaço público com a participação da comunidade é o principal objetivo do programa municipal “O Meu Bairro”. A primeira fase das sessões participativas, onde são apresentados os dez espaços públicos – dois por cada união de freguesias/freguesia –, está a decorrer até 5 de abril. A fase de votação para selecionar os cinco espaços a requalificar acontece entre 6 e 21 de abril, online ([www.cm-almada.pt](http://www.cm-almada.pt)). Este programa inovador, que se desenvolve em várias fases, pretende promover a qualificação urbana e paisagística, impulsionar a mobilidade ativa, a acessibilidade, o aumento da segurança e conforto urbano, a sustentabilidade, o acesso à arte pública e a redução das desigualdades na utilização do espaço público.

**PATRIMÓNIO**

**Requalificação da Casa da Cerca**

As obras de reabilitação do edifício da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, arrancaram em fevereiro e têm uma duração prevista de cerca de dez meses. A intervenção teve início nos muros exteriores da frente de rio e do Parque de Escultura, com o objetivo de preparar esses locais para fruição durante o verão. Apesar das obras em curso, o acesso ao

Jardim Botânico, à esplanada e à cafetaria “Coisas Degostar” permanece aberto. No entanto, salas de exposições, o Jardim dos Leitores, o Auditório e o Centro de Documentação e Investigação Mestre Rogério Ribeiro estão temporariamente encerrados ao público. É ainda possível que outras áreas venham a ter acesso temporariamente condicionado durante o processo de reabilitação.

FLORBELA SALGUEIRO



CARLOS VALADAS

**APOIO MUNICIPAL**

**Município atribui 1,4 milhões de euros aos Bombeiros**



A autarquia aprovou, em fevereiro, a atribuição de 1,4 milhões de euros às Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários de Almada, Cacilhas e Trafaria. Entre as várias aplicações, este investimento municipal destina-se ao apoio anual ao funcionamento da Central Municipal de Operações de Socorro e à implementação do Programa Praia Protegida.

CULTURA

# A BIA - Biblioteca Itinerante já circula em Almada

A CMA inaugurou, a 21 de março, Dia Mundial da Poesia, a BIA - Biblioteca Itinerante de Almada, um equipamento que pretende promover e facilitar o acesso ao livro junto da comunidade.

“Uma biblioteca é sempre um gesto de amor, um gesto de humanidade, e por isso estamos muito contentes com a nossa BIA, a celebrar Almada e as palavras que enchem a nossa vida”, afirmou a presidente da CMA na inauguração deste novo equipamento da Rede Municipal de Bibliotecas de Almada. “Uma biblioteca itinerante é muito mais que

um empréstimo de livros, é uma relação de confiança, é uma relação de partilha e é esta política de proximidade que cada vez mais temos de ter”, acrescentou Inês de Medeiros, destacando o papel fundamental dos técnicos bibliotecários, que entregam a sua dedicação e saber aos munícipes. Ao integrar parte da coleção da RMBA, a BIA vai possibilitar a criação do cartão das bibliotecas, o empréstimo e devolução de livros, revistas e jogos, disponibilizando ainda computadores portáteis para acesso do público. A coleção de livros desta biblioteca itinerante será

renovada de acordo com um calendário pré-estabelecido, tendo em conta a programação associada, permitindo diversificar a oferta de obras aos munícipes. A BIA vai passar por todas as freguesias do concelho de Almada. A par da inauguração da BIA, a RMBA preparou um programa especial para a comemoração do Dia Mundial da Poesia, que incluiu uma atividade de poesia de rua, com David Freitas, e a entrega do prémio Bibliotecas, Desenvolvimento e Agenda 2030, atribuído ao projeto ILD@ - Inclusão para a Literacia Digital de Adultos nas Bibliotecas.

ANABELA LUÍS



HABITAÇÃO

# CMA implementa Estratégia Local de Habitação



Face à dificuldade no acesso à habitação, através de arrendamento ou de crédito bancário com valores superiores ao suportável para um grande número de famílias, o Município tem vindo a implementar a Estratégia Local de Habitação (ELH). A aquisição de habitações, para posterior disponibilização às famílias em regime de arrendamento apoiado, é uma das medidas prioritárias da ELH. Permite a atribuição das habitações a famílias em situação de comprovada carência financeira e a sua integração no território, nas várias freguesias do concelho. Entre outubro 2023 e fevereiro 2024 foram adquiridas 27 habitações, correspondendo a um investimento 4,5 milhões de euros, enquadrado em candidaturas ao financiamento do Plano de Recuperação e Resiliência e no Acordo de Colaboração assinado com entre o Município e o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana em julho 2019.

**HABITAÇÃO**

## Autarquia investe 9,4 milhões em habitação

A CMA aprovou o lançamento do concurso para a construção de casas a custos controlados, na Quinta do Facho, na Caparica. Esta empreitada de obra pública vai fazer nascer cinco novos edifícios multifamiliares

de quatro pisos até final de 2026. Trata-se de 52 casas, a custos controlados, com tipologias T1 a T4, implantadas numa área de 1331 m<sup>2</sup>, que representam um investimento de quase 9,4 milhões de euros e cuja candidatura ao Programa de Recuperação e Resiliência (PRR) já se encontra aprovada.



EXPOSIÇÃO

# “Portais do Tempo” celebra 50 Anos do 25 de Abril com curadoria da Underdogs

RAQUEL FRANÇA



Os Antigos Estaleiros da Lisnave recebem, a partir de 13 de abril, a exposição Portais do Tempo, baseada na obra de Alfredo Cunha. Sete artistas contemporâneos – Ana Malta, Inês Teles, Raquel Belli, Márcio Carvalho, Fidel Évora, Pedro Gramaxo, e Sara Fonseca da Graça –, criados à sombra da Revolução do 25 de abril de 1974, reinterpretam as icónicas fotografias de Alfredo Cunha, estabelecendo pontes entre narrativas geracionais. Sete portais criam uma ponte metafórica que liga a objetiva de Alfredo Cunha com as visões de artistas emergentes. Esta transição simboliza uma passagem da história documentada para obras contemporâneas.

Testemunhe, de um lado, os momentos da revolução capturados por Alfredo Cunha, e do outro

experiencie as interpretações transformadoras de sete artistas, projetando o espírito revolucionário para um contexto moderno. Cada artista contribui com uma perspetiva única, não apenas reinterpretando a história, mas projetando-a para um futuro aspiracional. A exposição transforma-se num quadro coletivo para os ideais em evolução de liberdade, democracia e progresso.

Uma viagem pelo passado e presente revolucionário de Portugal, criada em colaboração com a Underdogs, e que pode visitar até 13 de Julho. A exposição terá um programa complementar que inclui visitas encenadas, workshops, espetáculos oficina e uma maratona fotográfica com curadoria do Iminente (programa disponível no site da CMA).

ANABELA LUÍS

BEM-ESTAR ANIMAL

## Autarquia entrega leitores de microchips às Forças de Segurança e Serviços Municipais

A PSP, a GNR, a Polícia Marítima, o Serviço Municipal de Proteção Civil e a Divisão de Fiscalização da CMA receberam, no dia 20 de fevereiro no Solar dos Zagallos, nove leitores de microchips para animais, equipamentos que permitem a identificação imediata de animais que se encontrem perdidos ou abandonados na via pública.

“É um equipamento muito importante, que vai permitir agilizar o trabalho de todos, evitando constrangimentos e tempos de espera desnecessários”, referiu António Godinho, coordenador municipal de Proteção Civil.

Nesta ocasião, Inês de Medeiros, presidente da CMA, realçou a importância de agregar a área do Bem-estar Animal à Proteção Civil, o serviço por excelência que garante a segurança da comunidade, salvaguardando ainda a vertente pedagógica que a implementação de microchips em animais de companhia pode ter.





EXPOSIÇÃO  
SOBRE A OBRA DE ALFREDO CUNHA



MÁRCIO CARVALHO

PEDRO GRAMAXO

PETRA PRETA

RAQUEL BELLI

ANA MALTA

FIDELÉVORA

INÊS TELES

LISNAVE  
ALMADA

13 ABR  
/  
13 JUL  
2024



cm-almada.pt



SE 25  
ABRIL

UNDERDOGS

IMINENTE

ALMADA  
Câmara Municipal